



Revista de Saúde Pública

ISSN: 0034-8910

revsp@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Nagai, Roberta; Lefèvre, Ana Maria C; Lefèvre, Fernando; Steluti, Josiane; Teixeira,

Liliane R; Zinn, Lílian C S; Soares, Nilson S; Fischer, Frida M

Conhecimentos e práticas de adolescentes na prevenção de acidentes de trabalho:

estudo qualitativo

Revista de Saúde Pública, vol. 41, núm. 3, junio, 2007, pp. 404-411

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67240160012>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Roberta Nagai^I
Ana Maria C Lefèvre^{II}
Fernando Lefèvre^{II}
Josiane Steluti^I
Liliane R Teixeira^I
Lílian C S Zinn^I
Nilson S Soares^I
Frida M Fischer^I

Conhecimentos e práticas de adolescentes na prevenção de acidentes de trabalho: estudo qualitativo

Knowledge and practices by adolescents in preventing occupational injuries: a qualitative study

RESUMO

OBJETIVO: Descrever conhecimentos e práticas adotados por estudantes do ensino médio na prevenção de acidentes de trabalho.

DELINEAMENTO DO ESTUDO: O estudo foi realizado em uma escola pública, localizada no Município de São Paulo, em 2003. Participaram 53 estudantes do período noturno, com idades entre 14 e 21 anos, divididos em dois grupos: com e sem experiência de trabalho (32 e 21 adolescentes, respectivamente). Eles responderam a duas questões: “Por quê os acidentes de trabalho ocorrem?” e “O que você faz para evitar que ocorram acidentes de trabalho?”. As análises dos dados foram feitas no programa Quali-quantí, para a elaboração do discurso de sujeito coletivo.

ANÁLISE DOS DISCURSOS: Para os adolescentes com experiência de trabalho, acidentes ocorrem devido ao descuido ou má sorte do funcionário, irresponsabilidade do patrão, falta de treinamento no trabalho e ambiente de trabalho inseguro. Os adolescentes sem experiência relataram que acidentes de trabalho ocorrem devido ao descuido do funcionário e irresponsabilidade do patrão. Sobre as formas de proteção dos acidentes de trabalho os adolescentes de ambos grupos relataram que: prestam (prestariam) atenção no trabalho e usam (usariam) equipamentos de segurança.

CONCLUSÕES: Os adolescentes dos dois grupos mostraram conhecimento limitado sobre acidentes de trabalho e formas de prevenção. Os adolescentes apontaram como “culpa da vítima” as ocorrências dos acidentes de trabalho e a melhor forma de proteção “prestar atenção no trabalho”. A cultura de culpar a vítima está presente desde a adolescência e provavelmente é resultado de um processo de aprendizado na sociedade.

DESCRITORES: Estudantes. Adolescente. Acidentes de trabalho, prevenção e controle. Conhecimentos, atitudes e prática em saúde. Pesquisa qualitativa.

^I Departamento de Saúde Ambiental. Faculdade de Saúde Pública (FSP). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil

^{II} Departamento de Prática de Saúde Pública. FSP-USP. São Paulo, SP, Brasil

Correspondência | Correspondence:
Roberta Nagai
Departamento de Saúde Ambiental
Faculdade de Saúde Pública
Av. Dr. Arnaldo, 715
01246-904 São Paulo, SP, Brasil
E-mail: rnagai@usp.br

ABSTRACT

OBJECTIVE: To describe knowledge and practices adopted by high school students to prevent occupational injuries.

STUDY DESIGN: The study was carried out in a public school located in São Paulo, in 2003. Fifty-three evening students aged 14 to 21 years old participated the study, they were divided into two groups with and without job experience (32 and 21 students, respectively). The students answered two questions: "Why do occupational injuries occur?" and "How do you avoid occupational injuries?" Analyses were performed using the software "Quali-quant" to structure collective discourses.

ANALYSIS OF DISCOURSES: Adolescents with work experience reported that occupational injuries occur due to carelessness of the employee, bad luck of the employee, employer's negligence, lack of training, and unsafe workplace. Adolescents without work experience reported that the main causes of work injuries were carelessness of the employee and employer's negligence. Regarding the ways to protect themselves against occupational injuries, both groups reported that: they pay attention (would pay attention) and wear safety equipment (would wear) safety equipment.

CONCLUSIONS: Adolescents from both groups showed limited knowledge about occupational injuries and prevention methods. Students "blamed the victim" to explain the injuries and considered "paying attention to work" as the best way to protect themselves. These facts showed that the culture of blaming the victim is present since adolescence and probably it is an outcome of a learning process of the society.

KEYWORDS: Students. Adolescent. Accidents, occupational, prevention & control. Health knowledge, attitudes & practice. Qualitative research.

INTRODUÇÃO

Os acidentes de trabalho constituem um problema de saúde pública em todo o mundo, por acometerem grande número de trabalhadores, particularmente pessoas jovens em idade produtiva. São também potencialmente incapacitantes, acarretando consequências sociais e econômicas. No Brasil, segundo dados do Instituto Nacional do Seguro Social* (INSS), durante o ano de 2004 foram registrados 17.027 acidentes de trabalho envolvendo jovens de até 19 anos de idade, 84,2% indivíduos do sexo masculino.

Apesar das consequências negativas, este problema recebe insuficiente atenção por parte das políticas sociais no País. Evidência disso é a má qualidade dos dados oficiais sobre a mortalidade e morbidade por acidentes de trabalho, reconhecidamente subestimadas. Isso ocorre tanto por inadequações do sistema de registro quanto pela parcialidade da cobertura, ainda restrita aos trabalhadores com carteira assinada.⁸

Estudos quantitativos** realizados em diversos países mostram que acidentes de trabalho são comuns entre adolescentes.^{9-11,18} Também Azambuja³ e Mangas** realizaram estudos para avaliar a percepção acerca de acidentes de trabalho entre adultos.

Estudo realizado por Fischer et al¹¹ sobre as condições de vida e de trabalho de estudantes do ensino médio, numa escola do ensino público do Município de São Paulo, mostrou que 52% dos estudantes do período noturno eram trabalhadores. Destes, 21% referiram ter se machucado no trabalho. Entre as lesões mínimas estavam cortes (dedos e mãos) e queimaduras. Os mais graves eram os ferimentos (mãos e pés), atropelamento e entorse de membros.

Estudo realizado por Santana et al¹⁸ em Salvador, com 361 jovens de 10 a 20 anos de idade, revelou que 23 adolescentes relataram ter sofrido acidente de trabalho.

* Ministério da Previdência Social. Estatísticas de acidente de trabalho. Brasília; 2004. Disponível em: <http://www.previdenciasocial.gov.br> [Acesso em 27 out 2006].

** Mangas RMN. Acidentes fatais e a desproteção social na construção civil no Rio de Janeiro. [Dissertação de mestrado]. São Paulo: Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ; 2003.

A incidência anual de acidentes de trabalho não fatais foi 6,4%. Entre as mulheres, a maioria dos acidentes ocorreu no ambiente de trabalho doméstico com pequena gravidade. Desses casos, 38,5% necessitaram de assistência médica e 36,4% deixaram seqüelas permanentes não incapacitantes. Entre os rapazes, os acidentes típicos na via pública predominaram, e a maioria (60,0%) foi atendida em serviço de emergência.

Para avaliar as atividades de trabalho e riscos associados, podem-se utilizar os referenciais teórico-metodológicos propostos pela ergonomia. Entre esses, citam-se as avaliações a partir das percepções, conhecimentos e representações sociais daqueles que estão diretamente envolvidos no trabalho. A metodologia qualitativa avalia as percepções, sendo conduzida por meio dos discursos/verbalizações dos atores sociais. Entender como o trabalhador pensa e age na realização de suas atividades permite a compreensão do seu trabalho. Conseqüentemente, permite vislumbrar os passos para a tomada de decisões no sentido de promover melhorias das condições de trabalho e de fatores associados intervenientes.¹² Semelhante proposta é citada por Caplan,⁵ ao propor utilização de grupos focais e entrevistas com os trabalhadores para investigar condições de trabalho. Na tentativa de conscientizar esses jovens, Galasso et al.* mostram os riscos e benefícios do ingresso de jovens no mercado de trabalho.

A hipótese do presente trabalho foi que as percepções quanto às causas e métodos de prevenção dos acidentes de trabalho são diferentes entre um jovem que possui experiência de trabalho daquele que não tem essa experiência.

O objetivo do presente estudo foi descrever conhecimentos e práticas de estudantes do ensino médio, com experiência de trabalho (trabalhadores e desempregados) e sem experiência (não-trabalhadores), na prevenção de doenças e acidentes do trabalho.

DELINAMENTO DO ESTUDO

O estudo foi conduzido em uma escola pública de ensino fundamental e médio, localizada no bairro de Pinheiros, no município de São Paulo, em 2003.

Participaram apenas alunos do ensino médio. De um total de 565 estudantes matriculados, houve perdas: 135 desistiram da escola e 50 foram transferidos para outra escola. Assim, foram selecionados 380 adolescentes que estudavam no período noturno, com idades entre 14 a 21 anos.

Dos 380 estudantes, 65 foram sorteados para serem entrevistados. Esta amostra de tamanho fixo foi estratificada conforme resposta sobre experiência de trabalho (sim ou não). Foi feita uma lista das funções mais freqüentes relatadas entre os adolescentes com experiência de trabalho. Inicialmente, foram sorteados cinco estudantes para cada função. Entretanto, antes que todos fossem entrevistados, foi observada a repetição das informações e idéias sobre a percepção de acidentes do trabalho, ao término de 53 entrevistas. Portanto, 12 estudantes não foram entrevistados e deu-se por terminada a etapa de coleta de dados. A amostra final foi de 53 estudantes, 60,4% com experiência e 39,6% sem experiência de trabalho. Este procedimento é sugerido por Sellitz et al.¹⁹ e Theodorson & Theodorson²⁰ em pesquisas qualitativas.

Nenhum adolescente sorteado recusou-se a participar da entrevista.

Os adolescentes foram entrevistados pela ordem de sorteio. As entrevistas foram feitas baseadas em um roteiro semi-estruturado. Aqueles com experiência no mercado de trabalho responderam questões referentes a: descrição do dia-a-dia no trabalho, pausas, equipamentos utilizados no trabalho, percepção de riscos presentes no ambiente de trabalho, equipamentos de proteção individual e estratégias de prevenção de acidentes de trabalho. Os sem experiência responderam questões referentes a: como imagina ser o dia-a-dia no trabalho, quais são os riscos que ele imagina estar presente no ambiente de trabalho, equipamentos de proteção individual e estratégias de prevenção de acidentes de trabalho.

As entrevistas foram gravadas em fitas individuais e transcritas na íntegra, com o consentimento dos alunos. Com as informações obtidas, foi construído um banco de dados inseridos no programa Qualiquantisoft.**

Do roteiro da entrevista foram selecionadas duas perguntas discursivas diretamente relacionadas à hipótese do estudo: 1) Na sua opinião, por quê acidentes de trabalho ocorrem? 2) O que você faz para evitar que ocorram acidentes de trabalho com você?

O objetivo das questões foi extrair de cada resposta as “expressões-chave” e “idéias centrais” dos indivíduos.¹³ Dados sobre sexo e idade foram excluídos.

O Discurso do Sujeito Coletivo pode ter mais de uma idéia central ou vários indivíduos apresentarem a mesma idéia central. E um determinado pensamento expresso por um determinado indivíduo pode não espelhar suficientemente o mesmo pensamento de outros. Dessa

* Galasso LO, Fischer FM, Nagai R, Teixeira LR, Souza, LC, Steluti J, et al. O “trampo”, a saúde, o futuro. Trabalho dos adolescentes: problemas e caminhos para uma vida melhor. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública;2005.

** Lefèvre F, Lefèvre AMC. Qualiquantisoft. São Paulo; 2005. Disponível em: http://hygeia.fsp.usp.br/~lefefvre/Discurso_o_software.htm [Acesso em 18 ago 2005]

forma, a resposta de um ajuda a entender, ou complementar, ou esclarecer, o pensamento de outro.¹³

Os discursos foram construídos para cada um dos grupos (com experiência de trabalho e sem experiência de trabalho). Cada idéia central foi representada por um item.

Todos os participantes preencheram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública da USP de São Paulo, com parecer favorável à pesquisa (Of. COEP/197/02).

Características da amostra estudada

Dos 53 estudantes participantes, 56,6% (30) eram mulheres e 43,4% (23) homens. Relataram experiência de trabalho 32 (60,4%) adolescentes, e 21 (39,6%) deles não tinham experiência de trabalho. Dentre estes, 13 (61,9%) eram do sexo feminino e a maioria (85,6%) tinha menos de 18 anos de idade.

Dos estudantes com experiência de trabalho, 56,6% eram do sexo feminino e 62,3% tinham abaixo de 18 anos de idade. A média de idade de todos participantes no estudo era de 17,2 anos (DP=1,1); entre aqueles que já tinham experiência de trabalho, a idade média era de 17,7 anos (DP=1,5), e entre os que não relataram experiência de trabalho, 17,2 (DP=1,1).

Acidentes de trabalho foram relatados por 46,9% dos adolescentes.

Foram relatadas as seguintes funções: ajudante geral (N=4), serviços domésticos (N=4), estoquista (N=1), recepcionista (N=3), jogador de futebol (N=3), garçom (N=1), auxiliar de escritório (N=3), babá (N=2), operador de telemarketing (N=2), balconista (N=3), office-boy (N=2), técnico de informática (N=3) e digitador (N=1).

IDÉIAS CENTRAIS DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

As idéias centrais foram extraídas das respostas dos adolescentes, com base nas duas questões selecionadas.

As idéias centrais estão aparentemente desconectadas, mas os estudantes relataram diferentes opiniões que convergem para o mesmo problema: condições de trabalho não saudáveis. Neste caso, as idéias centrais refletem os problemas apontados.

Os discursos foram escolhidos por serem os mais ilustrativos de cada uma das idéias centrais e estão subdivididos em duas categorias: ter experiência de trabalho e não ter experiência. Não foram feitas análises por sexo e idade.

Questão 1 - Na sua opinião, por quê ocorrem acidentes de trabalho? Foram identificadas as seguintes idéias:

- Acidentes de trabalho ocorrem por azar do funcionário.
- Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário.
- Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão.
- Acidentes de trabalho ocorrem por falta de treinamento no trabalho.
- Acidentes de trabalho ocorrem porque o ambiente de trabalho é inseguro.
- Nunca pensou no assunto.

Adolescentes com experiência

Idéia central: acidentes de trabalho ocorrem porque o ambiente de trabalho é inseguro (relatada por 6,4% dos adolescentes): *“É porque o ambiente de trabalho não traz segurança, é perigoso... no meu trabalho é por causa da organização. Se fosse mais organizado ia ser melhor. A gente trabalha muito com caixas, tem subir escada com caixas, descer escada com caixas... então eu acho que tem um certo risco nessa atividade, você pode cair com caixa pesada...”*.

Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário (relatada por 46,0% dos adolescentes): *“Acontece quando a pessoa está distraída, desligada, conversando, está com sono e quer fazer tudo rápido... pode ser falta de atenção também por problemas emocionais, porque, por mais que a gente diga que a gente não deve misturar trabalho com vida pessoal, uma coisa influencia a outra... acidentes de trabalho acontecem também por causa do cansaço, porque quando a pessoa está cansada ela se distrai. Quando sabe que aquilo é perigoso, tem que prestar mais atenção, ser mais esperto...”*.

Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por azar do funcionário (relatada por 13,0% dos adolescentes): *“Acidente de trabalho é azar, destino, “deu zica” no dia. Eu não vou dizer que é culpa da pessoa nem culpa do empregador. Eu acho que é coisa do destino da pessoa, se tiver que acontecer vai acontecer...”*.

Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por falta de treinamento no trabalho (relatada por 6,5% dos adolescentes): *“Falta de informação da pessoa... faltam palestras, esse tipo de coisa que fale sobre isso. Também falta informação dos funcionários para cobrar os equipamentos. As pessoas tinham que ensinar, explicar para o funcionário: isso aqui se mexe assim... Não chegar e já ir mexendo. As pessoas têm que conhecer, saber lidar, explicar...”*.

Idéia central: acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão (relatada por 26,0% dos adolescentes): “*Eu acho que o problema são os empresários. Eles não querem saber como está a saúde dos funcionários, eles só querem que o funcionário produza... eles não fornecem capacetes, luvas, coisas básicas... eles não estão nem aí... ninguém liga, ninguém tem direito a nada...*”.

Adolescentes sem experiência

Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por descuido do funcionário (relatada por 59,0% dos adolescentes): “*Por falta de cuidado da pessoa... ela fica nervosa, não se previne, não tem cuidado. Tem gente que fica muito distraída, não presta atenção no que está fazendo... na hora do trabalho tem que esquecer das preocupações de casa e se preocupar só com as coisas do trabalho...*”.

Idéia central: Acidentes de trabalho ocorrem por irresponsabilidade do patrão (relatada por 22,7% dos adolescentes): “*Por falta de cuidado, na maioria das vezes do chefe. Eles não fazem as coisas direito, às vezes para economizar dinheiro. Eles não informam direito, não dão equipamentos de segurança...*”.

Questão 2 - O que você faz para evitar que ocorram acidentes de trabalho com você? Foram identificadas as seguintes idéias:

- Presta atenção.
- Usa equipamentos de proteção.
- Evita o risco.
- Evita fazer esforço fora do trabalho.
- Procura informações a respeito do trabalho.
- Não faz nada.
- Nunca pensou nisso.

Adolescentes com experiência

Idéia central: Usa equipamento de proteção (relatada por 13,9% dos adolescentes): “*No meu trabalho tem aquela tela de proteção no monitor. Acho que aquilo ajuda um pouco para a visão. Também tento ficar com a postura certa na hora de sentar... eu não trabalho com as mãos abaixadas. Eu deixo sempre as mãos apoiadas no suporte...*”.

Idéia central: Presta atenção (relatada por 27,8% dos adolescentes): “*Eu faço o trabalho correto... tem que mexer as coisas com cuidado, ser atencioso, não ficar correndo muito para fazer as coisas. É bom você fazer as coisas com pressa, porque vai mais rápido, mas é bom você tomar um pouco de cuidado, porque acaba sendo ruim pra você...*”.

Adolescentes sem experiência

Idéia central: Prestaria atenção (relatada por 47,8% dos adolescentes): “*Eu tentaria fazer as coisas mais certo... quem faz as coisas errado se machuca. E também tomaria cuidado onde eu fosse, prestaria mais atenção nas coisas que eu tiver fazendo. Quando você está no ambiente de trabalho, tem que estar com a cabeça concentrada ali e não em outras coisas, que você tem que deixar para pensar quando estiver lá fora e não no trabalho...*”.

Idéia central: Usaria equipamentos de proteção (relatada por 13,2% dos adolescentes): “*Teria que ter tela no computador, madeira para digitar, capacete, luva, botas. Algumas coisas essenciais para o trabalho...*”.

COMENTÁRIOS

Percepção dos acidentes de trabalho

Os discursos relatados mostraram as diferenças de percepção de adolescentes com e sem experiência no mercado de trabalho. Aqueles que nunca trabalharam relataram opiniões semelhantes e frases curtas. Os adolescentes trabalhadores e desempregados relataram um maior número de opiniões, com maior riqueza de detalhes. Isso pode ser explicado já que os adolescentes trabalhadores e desempregados possuem experiências anteriores, somadas às opiniões de seus colegas de trabalho.

Descuido do funcionário

No presente estudo os estudantes com experiência de trabalho relataram que acidentes de trabalho ocorrem devido ao descuido do trabalhador.

Expressões como “falta de atenção e de cuidado”, “negligência por parte dos trabalhadores”, são maneiras subjetivas para descrever os acidentes de trabalho e contribuem para a falta de compreensão dos fatos ocorridos. Isso porque a identificação do indivíduo acidentado como “culpado” dificulta a busca de outros fatores causais. Diversos autores^{1,17,21,22} reafirmam que o erro humano, freqüentemente designado como a principal causa dos acidentes de trabalho deve ser cuidadosamente analisado. Isso porque mais omite do que explica os fatos que originaram o acidente, contribuindo para que as situações de perigo nos locais de trabalho não sejam modificadas.

Vilela et al²¹ referem a falta de adequação dos ambientes de trabalho e tarefas entre o indivíduo e as funções exercidas no trabalho como as causas de atos inseguros por parte dos trabalhadores que levaram aos acidentes. Esse fato pode ser devido a diferenças individuais, como sexo, idade, tempo de reação aos estímulos,

coordenação motora, estabilidade emocional, nível de inteligência, grau de atenção, percepção, entre outras. Além disso, problemas pessoais (familiares, distúrbios emocionais e preocupações), interrupções (chamado de colegas, intercorrência) e/ou excesso de pressão de tempo para a execução das atividades também devem ser levados em consideração.^{1,2}

Segundo Binder & Almeida⁴ os acidentes de trabalho são resultantes de fenômenos sociais devido à maneira como estão inseridos os trabalhadores no processo de produção; também expressam correlações de forças existentes na sociedade, configurando fenômenos socialmente determinados. Como parte de um programa de promoção à saúde no trabalho, esses autores sugerem que é importante que os trabalhadores obtenham conhecimentos básicos acerca do desempenho humano e de fatores reconhecidos como capazes de aumentar a probabilidade de erros. Citam os seguintes fatores e situações: excesso de confiança na memória, interrupções (no trabalho), pressões para realizar o trabalho, fadiga, coordenação inadequada entre trabalhadores, realização de atividades com as quais os trabalhadores não estão familiarizados, existência de ambigüidades em procedimentos rotineiros. Conhecer esses fatores pode auxiliar no reconhecimento de sinais de perigos e autoproteção.*

Má sorte do funcionário

Os adolescentes também atribuíram o fato da ocorrência dos acidentes de trabalho ao “azar do funcionário”, isto é, a ilusão que não se tem controle do destino. Os acidentes ocorridos devido ao “azar do funcionário” são também vistos como causas de “forças supernaturais”. Ou seja, a crença de que “coisas ruins” acontecem às pessoas más.⁷

Tais interpretações são resultado de má-orientação nos ambientes de trabalho, e muitas vezes, impossibilitam ao trabalhador enxergar o acidente sob outras perspectivas. Além disso, sob tal percepção de que as pessoas não têm controle sobre o seu destino, os trabalhadores não elaboram métodos de prevenção.

Falta de treinamento de trabalho

Os adolescentes atribuíram a ocorrência dos acidentes à falta de treinamento no trabalho. Na maioria dos casos, os jovens trabalhadores são ensinados por empregados mais experientes, e depois de um período de observação, com duração variável, são colocados na produção. Muitos adolescentes consideraram o treinamento de trabalho o período decorrido até a aquisição de prática para exercerem com desenvoltura e habilidade a tarefa pela qual são responsáveis.¹⁵ Além disso, na maioria das

vezes, os adolescentes executam tarefas que, à primeira vista, poderiam parecer simples e não necessitariam de treinamento intensivo. Esses fatos acabam favorecendo a ocorrência dos acidentes de trabalho. Isso ocorre já que nem sempre a qualificação é o objetivo principal dos investimentos realizados, pois as empresas preferem concentrar esforços nos programas comportamentais ou motivacionais.¹⁵

Equipamentos de segurança

Um grupo de estudantes relatou fazer uso de equipamentos de segurança. Entretanto esse discurso foi observado apenas entre os adolescentes que trabalham com computadores, como os operadores de telemarketing, digitadores e técnicos de computadores. Os demais adolescentes não relataram utilizar nenhum tipo de equipamento de proteção, mesmo exercendo atividades laborativas com riscos, como o caso do cozinheiro, ajudante geral, domésticas e auxiliar de consultório odontológico. A presença de equipamento de proteção individual não necessariamente previne a ocorrência de acidentes de trabalho. Os locais de trabalho onde há necessidade de utilizar equipamentos de proteção são geralmente aqueles mais perigosos. Sabe-se que os adolescentes são mais suscetíveis aos acidentes de trabalho do que os adultos, já que somada à falta de experiência laborativa, os equipamentos de segurança são para uso em adultos, cujas medidas antropométricas são distintas às dos adolescentes.⁹

Nunca pensou no assunto

Alguns estudantes relataram “nunca ter pensado no assunto”. Isso pode ser explicado já que grande parte dos adolescentes não tem treinamento sobre segurança no trabalho. Além disso, esse assunto é pouco ou não discutido nas escolas e, também provavelmente no ambiente doméstico. A troca de experiências é geralmente feita com os colegas de trabalho e da escola.

Um outro motivo são as atividades geridas por automatismos. Existe uma dimensão invisível da atividade para referir-se às intenções e também ao fato de que determinadas competências podem ser adquiridas sem que se saiba verbalizar acerca desse saber. A tendência do ser humano é automatizar aquilo que faz. Dessa forma, atividades que se tornaram automáticas pelos adolescentes não precisariam ser repensadas. Esse tipo de comportamento também influenciaria a representação quanto ao “prestar atenção nas tarefas” para se proteger dos acidentes de trabalho. Entretanto, a questão do “automatismo” não foi explorada no presente estudo. Foi pressuposto que as atividades dos adolescentes são conscientes e puderam ser verbalizadas.¹

* Lima FPA, Assunção AA. Para uma nova abordagem da segurança do trabalho. In: Lima FPA, Assunção AA, organizadores. Análise dos acidentes: Cia. de Aços Especiais Itabira. Belo Horizonte: Laboratório de Ergonomia, Departamento de Engenharia de Produção da UFMG; 2000

Promoção da saúde

Estudos mostram que a segurança no trabalho não depende apenas de uma boa escolarização. Na maioria dos casos, há falta de gerenciamento adequado dos riscos nos locais de trabalho (realizados pelos supervisores, coordenadores), que estão fora do controle dos adolescentes.^{6,16}

Gerentes e supervisores buscam motivar seus funcionários e operários por meio da educação, treinamento ou “controlando” seus comportamentos com regras e equipamentos de segurança. O gerenciamento desses riscos deve principalmente visar estratégias de controle, estabilidade dos sistemas e antecipação de variações que podem levar a alterações no sistema de trabalho, levando a acidentes.¹⁶

A tecnologia anda a passos mais largos do que o gerenciamento dos riscos, incluindo novas leis e

procedimentos de segurança. Atualmente as empresas vivem em ambientes competitivos, que visam meios de sobrevivência e rápido retorno financeiro. Dessa forma, preocupações com o bem-estar, segurança e impacto ambiental ficam em segundo plano.¹⁶

Em conclusão, os resultados do presente estudo mostraram que muitos adolescentes são incorporados na força de trabalho precocemente e em ambientes de trabalho precários. Provavelmente não são dadas a esses trabalhadores oportunidades de debater acerca das melhores estratégias e ferramentas necessárias à realização das tarefas.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ildeberto Muniz de Almeida, do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Botucatu, pelas sugestões ao manuscrito.

REFERÊNCIAS

1. Almeida IM, Binder MCP. Armadilhas cognitivas: o caso das omissões na gênese dos acidentes de trabalho. *Cad Saude Publica*. 2004;20(5):1373-8.
2. Almeida IM, Binder MCP, Fischer FM. Blaming the victim: aspects of the Brazilian case. *Int J Health Serv*. 2000;30(1):71-85.
3. Azambuja EP, Kerber NPC, Vaz MRC. A compreensão da organização do trabalho em saúde através da vivência dos trabalhadores com acidente de trabalho. *Texto Contexto Enferm*. 2003;12(3):289-97.
4. Binder MCP, Almeida IM. Estudo de dois acidentes do trabalho investigados com o método de árvore de causas. *Cad Saude Publica*. 1997;13(4):749-60.
5. Caplan S. Using focus group methodology for ergonomic design. *Ergonomics*. 1990;33(5):527-33.
6. Chatigny C. Made to measure training for work activity analysis: learning activities and instructional tools. *Safety Science*. 1996;23(2-3):147.
7. Cheng YH. Explaining disablement in modern times: hand-injured workers' accounts of their injuries in Hong Kong. *Soc Sci Med*. 1997;45(5):739-50.
8. Conceição PSA, Nascimento IBO, Oliveira PS, Cerqueira MRM. Acidentes de trabalho atendidos em serviço de emergência. *Cad Saude Publica*. 2003;19(1):111-7.
9. Cooper SP, Burau KD, Robison TB, Richardson S, Schnitzer PG, Fraser Jr JJ. Adolescent occupational injuries: Texas, 1990-1996. *Am J Ind Med*. 1999;35(1):43-50.
10. Fischer FM, Martins IS, Oliveira DC, Teixeira LR, Latorre MRD, Cooper SP. Occupational accidents among middle and high school students of the state of São Paulo, Brazil. *Rev Saude Publica*. 2003;37(3):351-6.
11. Fischer FM, Oliveira DC, Teixeira LR, Teixeira MCTV, Amaral MA. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. *Cienc Saude Coletiva*. 2003;8(4):973-84.
12. Guérin F, Laville A, Daniellou F, Duraffourg J, Kerguelen A. Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática ergonômica. São Paulo: Edgar Blucher; 2001.
13. Lefèvre F, Lefèvre AMC, Teixeira J JV. O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS; 2000.
14. Lefèvre F, Lefèvre AMC. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Porto Alegre: EDUCS; 2003.
15. Martins HHTS. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador - conhecimento e participação. *Tempo Social, Rev Sociol USP*. 2001;13(2):61-87.
16. Rasmussen J. Risk management in a dynamic society: a modeling problem. *Safety Sci*. 1997;27(2/3):183-213.
17. Reason J. Human error: models and management. *BMJ*. 2000;320(7237):768-70.
18. Santana V, Itaparica M, Amorim AM, Araújo-Filho JB, Araújo G, Oliveira M, et al. Acidentes de trabalho não fatais em adolescentes. *Cad Saude Publica*. 2003;19(2):407-20.
19. Sellitz C, Jahoda M, Deutsch M e Cook SW. Método de pesquisa nas relações sociais. São Paulo, EDUSP/HERDER, 1967.
20. Theodorson EP e Theodorson AG. A modern dictionary of sociology. London, Methuen, 1970.
21. Vilela RAG, Iguti AM, Almeida IM. Culpa da vítima: um modelo para perpetuar a impunidade nos acidentes do trabalho. *Cad Saude Publica*. 2004;20(2):570-9.
22. Woods D, Cook R. Nine steps to move forward from error. *Cogn Technol Work*. 2002;4(2):137-44.

Artigo baseado na dissertação de mestrado de R Nagai, apresentada ao Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública, em 2005.

R Nagai foi bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). J Steluti foi bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). FM Fischer recebeu bolsa produtividade do CNPq (proc. n.º 351794/1992-2). Pesquisa financiada pelo CNPq (proc. n.º 470917/2003-2).